

Comunicação Assertiva e Respeitosa em Sala de Aula

A comunicação do docente vai muito além das palavras: envolve postura, tom de voz, gestos e atitudes. Manter uma interação clara, acolhedora e respeitosa é essencial para fortalecer o vínculo e o aprendizado em sala de aula.



Além de zelar pelo próprio discurso, cabe ao professor orientar os estudantes sobre essas questões, pois desde o início da formação médica eles estabelecem contato com pacientes e colegas diversos. O exemplo do docente é referência direta para as atitudes que adotarão na prática profissional.

ALGUMAS DICAS IMPORTANTES:



A linguagem corporal é parte essencial da comunicação. Mantenha uma postura aberta e confiante, evitando posições encolhidas que possam transmitir insegurança.

Use expressões faciais e gestos para reforçar o que está sendo dito. Eles ajudam a demonstrar interesse e a criar um clima mais positivo na sala de aula.

O tom de voz, aliado ao contato visual, também contribui para a expressividade da mensagem. Projete a voz de forma equilibrada, sem gritar nem falar muito baixo, para manter a atenção dos alunos sem gerar desconforto.



Além disso, promova o diálogo com os alunos na construção das regras e combinados da turma. Essa postura participativa favorece o engajamento e o senso de responsabilidade coletiva.

Por fim, seja firme, mas não hostil. Evite sarcasmos, ironias e piadas excessivas. Prefira uma linguagem simples, direta e respeitosa, cuidando para não utilizar expressões com conotação preconceituosa ou ofensiva.



**SAIBA
MAIS:**

Assista ao vídeo [Postura de um professor em sala de aula.](#)

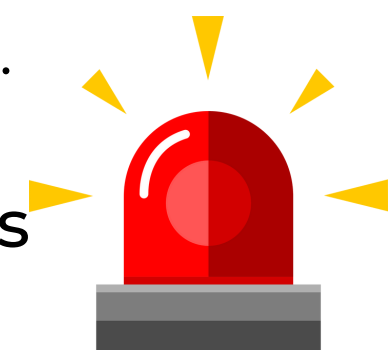


EXPRESSÕES E ATITUDES A EVITAR

Comentários que generalizam grupos sociais, culturais ou regionais podem transmitir preconceito ou discriminação. Muitas vezes, expressões usadas sem intenção ofensiva são percebidas dessa forma, gerando constrangimento ou exclusão.

É importante lembrar que determinadas manifestações podem configurar infrações éticas e até crimes previstos em lei. Por isso, o cuidado com a linguagem é também um compromisso profissional e institucional com o respeito à diversidade.

Atenção: os exemplos abaixo são apresentados apenas para fins didáticos, para ilustrar situações que devem ser evitadas:



REGIONAIS/CULTURAIS:



Apelidos ou “brincadeiras” que associem pessoas a características negativas em função da origem (ex.: dizer que “baianos são preguiçosos” ou que “cariocas não levam nada a sério”).

RACIAIS/ÉTNICOS:

Piadas, expressões ou estereótipos ligados à cor da pele, à origem indígena, afrodescendente ou estrangeira podem reforçar preconceitos históricos. Isso inclui tanto comentários abertamente depreciativos (como brincadeiras sobre tons de pele, traços físicos ou nacionalidades) quanto expressões cotidianas que naturalizamos, mas que têm origem discriminatória, como “humor negro”, “a coisa está preta” ou “criado-mudo”. Prefira termos neutros, que transmitam o mesmo sentido sem reproduzir estigmas.



SAIBA MAIS:

Consulte o [Dicionário de expressões \(anti\)racistas](#) ou a [Cartilha do TSE](#) para conhecer a origem e os significados de muitas dessas palavras.

CAPACITISMO:

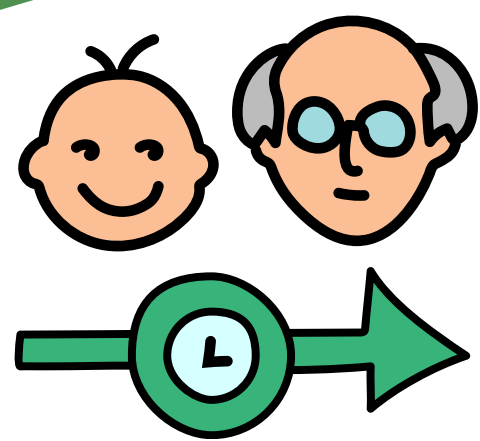
O capacitismo se manifesta em atitudes, expressões ou piadas que desvalorizam pessoas com deficiência, mesmo quando usadas de forma coloquial ou sem intenção ofensiva. Expressões comuns como “cego para este assunto”, “surdo que nem uma porta” ou “defeituoso” reproduzem estigmas e associam a deficiência a algo negativo. Sempre que possível, substitua por formas neutras, como “não percebeu” ou “não está atento”.



SAIBA MAIS: Cartilha [“Combata o capacitismo”](#).



ETARISMO:



O etarismo ocorre quando se faz distinção, ridicularização ou desvalorização de alguém com base na idade, seja por ser mais jovem ou mais velho. Expressões como “isso é coisa de gente velha” ou “você é novo demais para entender” reforçam estereótipos e podem gerar exclusão. É importante reconhecer que todas as faixas etárias têm experiências e saberes valiosos, e que o respeito à diversidade geracional fortalece o ambiente acadêmico e profissional.



SAIBA MAIS: Confira o [Guia de boas práticas de combate ao etarismo](#).

DISCRIMINAÇÃO CONTRA PESSOAS LGBTIQAPN+:

Piadas, apelidos ou comentários que desrespeitam ou invalidam identidades de gênero e orientações sexuais configuram discriminação. Expressões como “isso é coisa de gay”, “parece um homem de verdade” ou “não tem jeito de mulher” reforçam estereótipos e produzem ambientes hostis e excludentes.



SAIBA MAIS: [LGBTfobia na ponta da língua: 15 frases preconceituosas](#).

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA:

Comentários que desrespeitam, ridicularizam ou desvalorizam crenças, rituais, símbolos ou tradições de qualquer fé configuram intolerância religiosa. Expressões como “isso é superstição”, “macumba” ou “fanático” podem reforçar preconceitos e causar constrangimento. Prefira termos neutros e respeitosos, como “tradição”, “prática religiosa” ou “pessoa devota”. O reconhecimento da diversidade de crenças é parte essencial da formação humanística e do exercício ético da docência e da prática médica.



SAIBA MAIS SOBRE ESSAS E OUTRAS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO: [Cartilha de combate à discriminação](#).



Promover uma comunicação respeitosa e inclusiva é parte essencial da docência em Medicina. O cuidado com a linguagem e a postura reflete diretamente na forma como os estudantes tratarão os pacientes e colegas, contribuindo para uma formação ética, empática e comprometida com a dignidade humana.

